OFFICINA DE ENCADERNAÇÃO
DA
IMPRENSA NACIONAL
RIO DE JANEIRO

IMPRENSA NACIONAL
BIBLIOTECA
INVENT.
3-6-43
N 165

B 00687

BIBLIOTECA NACIONAL

JÚLIO DANTAS

Sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisboa
Da Academia Brasileira de Letras

SONETOS

QUINTA EDIÇÃO

13.º MILHAR

869.1
D1925
5.ed.

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL
COMPANHIA EDITORA
58 - RUA GARRETT - 60

MINISTERIO D... E ... GOCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL
BIBLIOTECA
NUMERO 220 DATA 19-5-51

Reservados todos os direitos de reprodução: em Portugal, conforme preceituam as disposições do *Código Civil Português;* no estrangeiro (países da União) em harmonia com a Convenção de Berne, que Portugal aderiu por decreto de 18 de Março de 1911, e a que o Brasil aderiu tambem pela lei n.º 4:541, de 6 de Fevereiro de 1922, e decreto n.º 15.530, de 21 de Junho do mesmo ano. A propriedade desta obra pertence à COMPANHIA EDITORA PORTUGAL-BRASIL.

MINISTERIO ... NEGÓCIOS INTERIORES
... NACIONAL
BIBLIOTECA
NUMERO 388 DATA 20-10-45

Tipografia da COMPANHIA EDITORA PORTUGAL-BRASIL
Rua da Alegria, 100 — LISBOA

388 - 20/10/45

PASSOS DE DANÇA

I

O MINUETE

Ao canto do salão, olhos vagos no espaço,
Êle em púrpura e oiro, ela empoada à francesa,
O senhor Cardeal e a senhora Duquesa
Assistem, conversando, a um serão do Paço.

Marca Lucas Giovine o solene compasso;
Dança o minuete de Haydn a côrte e Sua Alteza:
E os dois velhos, lembrando a antiga gentileza
E o tempo em que, amoroso, êle lhe dava o braço,

Balbucíam, sorrindo, um tímido segrêdo,
Escondem-se inda mais no biombo, quási a mêdo,
Como fugindo à luz da sala enorme e acêsa...

E um criado que vem servir-lhes os gelados
Surpreende a dançar, vèlhinhos e curvados,
O senhor Cardeal e a senhora Duquesa.

II

A GAVOTA

Nas salas do Marquês, sóror Clara de Lima,
Freirinha carmelita estouvada e travêssa,
O encanto das irmãs, o inferno da Abadessa,
Ensina gentilmente uma gavota à prima.

Forma-se-lhe em redor um círculo que a anima;
Geme o cravo holandês quando a lição começa;
E ela, em passos subtis, meneando a cabeça,
Dir-se-ia um Watteau que um escapulário oprima.

De casaca de sêda e cabeleira empoada,
A roda dos galans, mão no punho da espada,
Segue-lhe o voltear do pequenino pé.

E surrateiramente, escandalosamente,
Para o vêr de mais perto, o senhor Intendente
Deixa caír no chão a caixa do rapé...

III

A PAVANA

Dança a pavana a côrte; e ao terminar a dança
Ouve-se um beijo. El-rei volta-se. Sensação.
Don Ramon de Quevedo, o ilustre fanfarrão,
Beijara em plena face a embaixatriz de França.

O Marquês de Sully, o embaixador, avança,
Aproveita de pronto o ruído e a confusão,
E erguendo o punho de oiro ao trémulo bastão
Castiga o insolente até que a mão lhe cança.

Sai da luta, a tremer, Don Ramon de Quevedo:
Vê o Rei; quer fingir de galo novo e farto;
Puxa a pera de chibo e a espada de Toledo.

– "E agora, Don Ramon? – diz-lhe Filipe IV –
Que fazes ao Marquês?" – "*Lo mataré de miedo!*"
– "E à Marquesa?" – "*Por Diós, la mataré de parto!*"

A LUVA

A LUVA

Quatro meses depois dessa hora dolorida,
Voltei, já resignado e quási sem rancor,
Ao ninho onde viveu aquele imenso amor
Que foi o grande amor de toda a minha vida.

Compreendi então – quanta imagem querida! –
Que pode haver encanto e doçura na dôr:
Um perfume – era o teu – palpitava em redor;
Dormia num sofá uma luva esquecida.

Uma luva e um perfume: é o que resta de ti,
Dos beijos que te dei, do inferno que sofri,
Do teu mentido amor de juras desleais.

Que fui eu, afinal, na tua vida intensa?
O perfume que vôa e em que ninguém mais pensa,
A luva que se deixa e não se calça mais...

DEMÓSTHENES

DEMÓSTHENES

Em casa de Laís, Demósthenes entrara:
Como Athenas inteira, o supremo orador
Vinha comprar também, nuns minutos de amor,
O corpo escultural dessa beleza rara.

Quási a possuíra já, de tanto que a sonhara:
E ao vêr, gloriosa e nua, em todo o seu esplendor,
Cingido o stróphion de oiro aos dois seios em flor,
Essa linda mulher que se vendeu tão cara,—

Tímido, perguntou:—"Um só beijo fugaz,
Por quanto o vendes, grega?„ E ela, num gesto lento:
—"Conta mil dracmas, velho, e tu me possuirás!„

—"Quê? Pagar por tanto oiro o beijo dum momento?
Dar mil dracmas por ti? Não, mulher; fica em paz:
Eu não compro tão caro um arrependimento.„

AZULEJOS

AZULEJOS

Fomos um dia os dois, como dois bons amigos,
– Lembras-te? – aberta ao sol a sombrinha vermelha,
Vêr nos grandes salões da tua quinta velha
Uns célebres "panneaux" de azulejos antigos.

Século XVII. Um encanto. Os perigos
Que uma dama passou por causa de uma abelha:
Um côche que se afasta, um galan que ajoelha,
E ao longe um fundo azul de campos e de trigos...

De repente, tremeu na tua a minha mão;
Baixaste o olhar; còraste: ao canto do salão,
O mesmo par azul unia-se num beijo...

Lá fóra, o sol doirava a terra palpitante.
Apertei-te ao meu peito, e... – amor, daí por diante
Continuámos nós dois a história do azulejo.

O FÁUNO

O FÁUNO

Junto ao plinto de pedra onde um fáuno dormita,
Arlequim, desdobrando o manto multicor,
Diz a um loiro Pierrot, a um Pierrot sonhador,
Como deve beijar-se uma mulher bonita:

– "Vêspa de oiro que foge ou rosa que palpita,
Vou dizer-te, Pierrot, qual é o beijo melhor:
A arte de beijar é uma arte esquisita,
E eu sou, há muito tempo, um grande professor.

O beijo mais subtil, a carícia mais louca,
É a que roça o cabelo, e mal aflora a bôca,
E desce ao seio esquerdo, e acaba a soluçar...

– "Ingénuos! – interrompe o fáuno dentre os ramos –
Dos milhões de milhões de beijos que nós damos,
Só há um beijo bom – que não se chega a dar!„

A CARTA

A CARTA

Não. Ela é uma nervosa. É melhor escrever.
E daí, para quê? Decerto me procura.
Rompermos por tão pouco é quási uma loucura,
E é muito complicada a arte de romper.

O seu maior defeito é ser muito mulher.
Precisa de perdão, precisa de ternura.
Depois, o que ela diz! Depois, o que ela jura!
Depois, o que ela chora! É melhor escrever.

Duas palavras: "Vem e esquece". Vão levar-mas.
Bate no lacre de oiro o meu sinete de armas.
Ou responde, – ou o amor é uma palavra vã!

Fumo um cigarro, espero e passeio, agitado.
Meia hora. Surge à porta a palidez do criado.
– "Que foi?" – pergunto-lhe eu. – "Matou-se esta manhã".

A LIGA DA DUQUESA

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
Departamento de Imprensa Nacional
Biblioteca

A LIGA DA DUQUESA

A Senhora Duquesa, uma beleza antiga
De bastão de faiança e de cabelo empoado,
Certo dia, ao descer do seu estufim doirado,
Sentiu desapertar-se o fecho duma liga.

Còrou, quis apertá-la (ao que o pudor obriga!)
Mas voltou-se, olhou... Tinha o capelão ao lado.
Mais um passo, e perdeu-se o laço desatado,
E rebentou na côrte uma tremenda intriga.

Fizeram-se pregões. Marqueses, condes, tudo
Procurava, roçando os calções de veludo
Por baixo dos sofás, de joelhos pelo chão...

E quando já ninguém supunha — que surpreza!
Foi-se encontrar por fim a liga da Duquesa
No livro de orações do padre capelão.

FEIA

FEIA

Não te amei. E porquê? Porque não há em ti
A graça que perturba, o sorriso que enleia:
Porque eu sou cego, filha, e porque tu és feia;
Porque te olhei, amor, e porque não te vi.

Foste minha e — vê lá! — nunca te conheci.
A tua alma, tão bela e tão nobre, — ignorei-a.
Quis beleza, frescura, — e construí na areia:
Só comecei a amar-te, hoje, que te perdi.

Amor espiritual, amor sem esperança,
Amor que não deseja e, por isso, não cança,
Amor contrito e puro, arrependido e triste...

Hoje estou convencido, ó minha gloriosa:
A paixão sem beleza é a mais perigosa;
O amor por uma feia é o maior que existe.

A ESPADA

A ESPADA

No convento, e talvez dez léguas ao redor,
Frei André de Jesus tinha fama de santo:
Vigílias, orações, milagres, – e, entretanto,
Nunca tentara a Deus tão grande pecador.

Em môço, fôra o mais terrível e o melhor
Dos duelistas de Espanha: ao vento o feltro e o manto,
Batia-se a sorrir, matava a cada canto,
Chamava à sua espada o seu primeiro amor.

Depois envelheceu, surgiu do seu engano,
Tomou para mortalha o buréi franciscano, –
Mas apesar de frade, e santo, e penitente,

Na sua cela, um dia, alguém o viu, a mêdo,
Abraçado a uma velha espada de Toledo,
A chorar, a chorar silenciosamente...

AS DUAS MÔSCAS

AS DUAS MÔSCAS

No pequeno tremó do quarto de Isabela,
Flôr de carne e de luz que Rubens pintaria,
Duas môscas subtís disputavam um dia
A graça espiritual de ter poisado nela.

— "Sou mais feliz que tu, pude senti-la e vê-la!"
— "E eu beijei-a, a tremer, no leito em que dormia!"
— "Ao poisar-lhe na mão, julguei-a neve fria!"
— "E eu julguei-me — ilusão! — poisada numa estrela!"

— "A mais feliz sou eu porque a vi nua!"
— "Louca!
A minha aza doirada andou na sua bôca!
Beijei, sôfregamente, os beijos que ela deu!"

— "Não digas a ninguém: eu poisei, há um instante,
Nas lágrimas de fel que a fez chorar o amante...
Poisei sôbre a sua alma: — a mais feliz sou eu!"

O INCÊNDIO

O INCÊNDIO

– "Ao convento! ao convento!„ – Uiva de longe o vento.
É noite. E a multidão, descalça, esfomeada,
Á luz de archotes, sobe a ladeira empedrada,
Praguejando e gritando: – "Ao convento! ao convento!„

A onda do povo cresce e galga num momento.
Chispam ferros no ar. A porta chapeada
De bronze, range, oscila e cái à machadada.
Nem um frade. Deserta a casa de S. Bento.

A multidão convulsa invade a portaria:
– "Fogo ao convento! Fogo à igreja, à sacristia!„
O incêndio lavra; estoira o vigamento a arder.

Em baixo, o povo dança. E uma mulher grosseira
Grita, rouca, atirando um Missal à fogueira:
– "Tanto livro, – e ninguém nos ensinou a lêr!„

AO CANTO DO JARDIM

AO CANTO DO JARDIM

Não se zangue comigo e dê-me a sua mão,
Condessa. E mais espêsso aqui o arvoredo.
Ando há três anos já p'ra dizer-lhe um segrêdo
E, creia, inda não sei se hei-de dizer-lho ou não.

Não sei como explicar esta perturbação:
Tenho confiança em si; não é, portanto, mêdo.
Mas receio, não sei, creio que ainda é cedo...
E custa sempre tanto uma desilusão!

Mesmo sem eu falar, juro que me adivinha:
Bem sinto a sua mão a estremecer na minha,
Como ao ar da manhã a folhagem doirada...

Poderia, talvez, dizer-lhe tudo, agora...
Condessa, eu...—Mas que tem? Desfalece, descora...
Não, decididamente, eu não lhe digo nada.

O MISSAL

O MISSAL

Dom Frei Estêvão, irmão copista de Alcobaça,
Hábito de bernardo, alma de franciscano,
Morrera ao terminar o seu Missal romano,
Obra prima de côr, de paciência e de graça.

Copiara-o em segrêdo, às noites, na luz baça
Da lâmpada; e ninguém, nenhum olhar humano
Vira essa iluminura escondida há tanto ano,
Letras de oiro e de mínio onde um mistério passa.

Mas era curioso o reverendo Abade:
Mal o frade expirou, chama a comunidade;
Procura-se o Missal, todos o querem vêr.

E ao abri-lo, por fim, no altar para onde o levam,
Reconhecem — horror! — que o Missal de Frei Estêvão
Era uma colecção de cartas de mulher.

OS CRAVOS VERMELHOS

OS CRAVOS VERMELHOS

Conhecia-o de o vêr passar à minha porta:
Triste, pálido, a calça esgarçada nos joelhos,
Um fumo no chapéu, na mão cravos vermelhos,—
Ramo de sangue em flôr que um fantasma transporta.

Quem era? Nunca o soube. A dôr que nos importa?
Sempre os cravos,—p'ra quê? Fantasias de velhos.
—"Sabe para quem são ésses cravos vermelhos?—
Disse-me um dia alguém.—São para a filha morta.

Vai-lhos sempre levar, de tarde, ao cemitério..."
Depois, deixei de o vêr. Onde andava? Mistério.
Sôbre a cova, talvez, a resar-lhe de joelhos...

Um dia, num jardim, atrái-me a multidão:
Um velho dera um tiro em pleno coração,—
E poisavam-lhe as mãos sôbre cravos vermelhos.

ESPANHA

ESPANHA

Foi há nove anos já, nesse solar amigo,
Entre as murtas anãs duma velha alameda,
Que a Marquesa de Uñon Garcia de la Rueda
Se esqueceu do Marquês, a conversar comigo.

Aconchegou-se a mim, no misterioso abrigo;
Recitou, a tremer, uns versos de Espronceda...
E a minha mão sentiu uma meia de sêda,
E o meu lábio poisou sôbre um colar antigo...

O calor duma perna e a pedra dum colar...
Num súbito clarão, passaram-me no olhar
Frades de Zurbaran, *majas* nuas de Goya.

E hoje ainda, ao errar de noite na alameda,
Sinto a crepitação dessa meia de sêda
E o gelado fulgor dessa pequena joia...

...QUAND ON NE S'AIME PLUS

...QUAND ON NE S'AIME PLUS

Ponto final. Adeus. Tinha previsto o fim.
Quis muito, quis demais... O culpado fui eu.
Se é que pode morrer o que nunca viveu,
Sinto que morreu hoje o teu amor por mim.

Fiz mal em vir? Talvez. Quizeste vêr-me: vim.
Que placidez a tua e que sorriso o teu!
Amor que raciocina é amor que morreu.
Pode lá nunca amar quem se domina assim!

Tinha de ser. Adeus. Deixas-me triste e doente.
Depois, qual é o amor que vive eternamente?
Tudo envelhece, e passa, e morre como tu.

Nunca mais me verás. É a vida, afinal.
Dá-me o último beijo e não me queiras mal...
Il faut rompre en pleurant quand on ne s'aime plus.

FIM DE RAÇA

FIM DE RAÇA

Num tombo de armas velho, eu e uns amigos mais
Vimos hoje o brazão de sua senhoria:
Goles, sinople, bláu, toda a côr da armaria
Sob a fulguração brunida dos metais.

Uma faixa veirada onde a prata irradia;
Os côtos dos Abreus, as cabras dos Cabrais:
Fidalgo! Pena é que com tão nobres pais
Tenha sangue mulato a sua fidalguia.

Sôbre goles, a cruz florida dos Pereiras;
Timbre – um adejo de oiro; e avós – algumas freiras,
Quatro Bispos, um Duque e um senhor Cardeal.

Hohenstauffen, Bourbon, Montmorency, Bragança!
Usa as flores-de-lis dos próprios reis de França, –
E foi ontem morrer a um leito do hospital.

LADY GODIVA

LADY GODIVA

I

Certo Conde normando, assolador e hirsuto,
Senhor tradicional duma cidade inglêsa,
Querendo um prato de oiro a mais na sua mesa
Lançara sôbre o povo um pesado tributo.

Não podia pagá-lo o burgo irresoluto:
Era a ruína, era a fome. E desvairada, acêsa,
A multidão rugia em frente à fortaleza,
Com os filhos ao colo e coberta de luto.

Mas as portas de ferro, imóveis e pesadas,
Não se abriam. E o povo, erguendo as mãos crispadas,
Cançava-se a bradar, a uivar, a soluçar.

Caía a tarde. O sol quebrava a neve fria.
Ao sopé da montanha, o burgo adormecia
Como um cachorro aos pés duma arca tumular.

II

Dentro da fortaleza, entretanto, rodeado
De dalmáticas de oiro e capelos vermelhos,
O Conde rejurava à fé dos Evangelhos
Que o burgo pagaria o tributo lançado.

Tudo aplaudiu. Sòmente, alva e loira, a seu lado
Se ergueu Lady Godiva; e prostrada de joelhos,
Defendendo condoída as crianças e os velhos,
Gemeu: — "Senhor! O povo é já tão desgraçado!

Porque o não libertais dêsse tremendo imposto?„
Então, o Conde olhou a esposa, rosto a rosto,
E vendo-a casta e humilde, exclamou como um rei:

— "Liberto-o, se àmanhã tu fôres, rua em rua,
Sôbre um cavalo branco, inteiramente nua!„
Ela baixou o olhar e murmurou: — "Irei„.

III

Nasceu por fim o sol. Branca e nua — que importa,
Se é gloriosa a nudez quando se é casta e bela! —
Sôbre um cavalo branco, em redoirada sela,
Como quem atravessa uma cidade morta,

Godiva, no clarão divino que a transporta,
Os braços sôbre o seio, o cabelo a envolvê-la,
Percorreu todo o burgo e foi de viela em viela,
Sem que a visse ninguém, sem se abrir uma porta.

Revoavam-lhe em redor bandos de pombas brancas;
E o sol, cobrindo de oiro as suas róseas ancas,
Vestia-lhe a nudez de formas virginais...

Quando emfim regressou, loira, calma, modesta,
O bárbaro senhor beijou-a sôbre a testa,
E os tributos de então não se pagaram mais.

ÍNDICE

PASSOS DE DANÇA:

I – O MINUETE 7
II – A GAVOTA 8
III – A PAVANA 9
A LUVA 13
DEMÓSTHENES 17
AZULEJOS 21
O FÁUNO 25
A CARTA 29
A LIGA DA DUQUESA 33
FEIA 37
A ESPADA 41
AS DUAS MÔSCAS 45
O INCÊNDIO 49
AO CANTO DO JARDIM 53
O MISSAL 57
OS CRAVOS VERMELHOS 61
ESPANHA 65
QUAND ON NE S'AIME PLUS 69
FIM DE RAÇA 73

LADY GODIVA:

I 77
II 78
III 79